

O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL E A UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS A Biblioteca do ICH e o CEHUS

*THE INDUSTRIAL HERITAGE
AND THE FEDERAL UNIVERSITY OF PELOTAS
The ICH Library and CEHUS*

Heloise Nunes Semper¹ e Célia Helena de Castro Gonsales²

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a intervenção arquitetônica realizada no âmbito da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) em um dos edifícios históricos que integravam o complexo fabril da COSULÃ, localizado na zona portuária de Pelotas-RS. A pesquisa busca estabelecer aproximações entre as estratégias adotadas neste projeto e os métodos intervenção em patrimônio histórico arquitetônico abordados por autores como Sòla-Morales (2008), Riegl (1903), Gracia (1992) e Pozzobom (2020): contraste e analogia (ou “terceira via”). Para isso, foram desenvolvidas uma revisão bibliográfica, um levantamento fotográfico do antigo complexo industrial e uma análise da intervenção realizada na antiga fábrica, que atualmente abriga o Centro de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais e a Biblioteca do Instituto de Ciências Humanas da UFPEL. O estudo visa contribuir para o debate acadêmico, promovendo a reflexão sobre diferentes abordagens metodológicas aplicáveis à preservação e intervenção no patrimônio industrial.

Palavras-chave: patrimônio industrial, intervenção arquitetônica, zona portuária, Pelotas, preservação.

Abstract

This article aims to analyze the architectural intervention carried out within the scope of the Federal University of Pelotas (UFPel) in one of the historic buildings that were part of the COSULÃ industrial complex, located in the port area of Pelotas, in the state of Rio Grande do Sul, Brazil. The research seeks to establish connections between the strategies adopted in this project and the methods of intervention in architectural heritage proposed by authors such as Sòla-Morales (2008), Riegl (1903), Gracia (1992), and Pozzobom (2020): contrast and analogy (or the ‘third way’). To this end, a literature review, a photographic survey of the former industrial complex, and an analysis of the intervention carried out in the old factory were conducted. This building currently houses the Graduate and Research Center in Human and Social Sciences and the Library of the Institute of Human Sciences at UFPel. The study aims to contribute to academic debate by promoting reflection on different methodological approaches applicable to the preservation and intervention in industrial heritage.

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPel (PROGRAU-UFPel). Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (2023).

2 Professora Titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPel (PROGRAU-UFPel). Doutora em arquitetura pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona da Universidad Politécnica de Cataluña (2000) e Pós Doutora pela Universidad Politécnica de Madrid (2019-2010). Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (1987).

Keywords: industrial heritage, architectural intervention, port area, Pelotas, preservation.

Introdução

A preservação do patrimônio industrial tem se consolidado como um tema de crescente relevância nas discussões sobre memória cultural e planejamento urbano, embora seu reconhecimento como bem cultural seja relativamente recente. Segundo Kühn (2009), o interesse por essas estruturas surgiu na Inglaterra nos anos 1950, com a introdução do termo “arqueologia industrial”, que passou a englobar os vestígios materiais de processos industriais e seu papel histórico. No Brasil, tais discussões ganharam impulso a partir dos anos 1960, acompanhando um movimento global de ampliação do conceito de patrimônio, que integrava edifícios e paisagens industriais como testemunhos da história econômica, social e cultural das cidades (Ribeiro, 2018, p. 210).

O presente artigo dialoga com o objetivo desta edição da Revista Pixo, dedicada à reflexão sobre os desafios contemporâneos do patrimônio industrial. Nesse contexto, aborda a preservação e a reinterpretação desses bens, destacando a reutilização de espaços industriais que compõem a paisagem da zona do Porto, na cidade de Pelotas-RS. A discussão proposta pela revista é essencial para compreender tanto as estruturas físicas quanto os saberes e práticas intangíveis que compõem esse tipo de patrimônio.

A emergência de documentos normativos internacionais têm reforçado a importância do patrimônio industrial. Conforme a Carta de Nizhny Tagil, “o patrimônio industrial deve ser considerado como uma parte integrante do patrimônio cultural em geral.” (TICCIH, 2003, p.8). O documento também garante a devida proteção a antigos edifícios industriais quando diz que “as áreas de resíduos industriais, assim como as ruínas, devem ser protegidas, tanto pelo seu potencial arqueológico como pelo valor ecológico.” (TICCIH, 2003, p.8). Esse documento sublinha a relevância do patrimônio industrial como registro da vida cotidiana e identidade coletiva. De maneira complementar, os Princípios de Dublin (ICOMOS, 2011) ampliam essa compreensão, destacando que o patrimônio industrial não se limita a edifícios, mas também abrange territórios, paisagens e valores imateriais associados às práticas de trabalho e às inovações tecnológicas.

Diante desse cenário, este artigo busca contribuir para a compreensão do papel do patrimônio industrial como um elemento central na reconfiguração das cidades contemporâneas. Além disso, investiga as possibilidades de abordagens projetuais voltadas à revitalização³ de edifícios históricos e à valorização das comunidades locais, alinhando-se às preocupações do dossiê em promover estudos de caso e explorar estratégias de reutilização dessas pré-existências.

Após o devido aprofundamento nos estudos acerca dos princípios das cartas preservacionistas e das demais contribuições teóricas voltadas para intervenções em patrimônio arquitetônico, este estudo tem como objetivo analisar a intervenção realizada em um antigo complexo fabril localizado na zona portuária da cidade à luz das reflexões de autores como Sòla-Morales (2008), Riegl (1903), Gracia (1992) e Pozzobom (2020) sobre os métodos de intervenção em patrimônio arquitetônico, sendo eles o contraste e a analogia – ou “terceira via” – afim de estabelecer relações

3 ZEIN, Ruth Verde. A rosa por outro nome tão doce... seria? In: DOCOMOMO BRASIL, 7., 2007, Porto Alegre. Anais do 7º Seminário Docomomo Brasil. Porto Alegre: DOCOMOMO Brasil, 2007. p. 9. Neste artigo, a autora explica que a revitalização consiste em intervenções destinadas à restituição ou adequação de um edifício, acomodando-o a um novo uso, reaproveitando-o, protegendo-o e preservando seu caráter histórico, e respeitando suas características fundamentais.

entre essas abordagens e o projeto de revitalização do edifício desenvolvido pela Universidade Federal de Pelotas.

A preservação do patrimônio industrial

O debate sobre a preservação do patrimônio industrial edificado, iniciado na Inglaterra em 1950, surge no Brasil em 1964 e “faz parte de um contexto de alargamento daquilo que passou a ser considerado bem cultural” (Ribeiro, 2020, p. 210). Conforme discutido por Kuhl (2006) a preservação do patrimônio industrial envolve mais do que apenas os edifícios fabris. Esse patrimônio inclui uma variedade de vestígios da industrialização, como máquinas, infraestruturas e documentos, sendo considerado um testemunho de um período histórico significativo, marcado por profundas mudanças tecnológicas, econômicas e sociais. A autora aponta que a conservação desses bens enfrenta muitos desafios relacionados especialmente à falta de reconhecimento e valorização, onde práticas de intervenções mal planejadas podem eliminar características essenciais dos edifícios, comprometendo seus valores históricos.

Diante desse cenário, uma questão frequentemente discutida acerca das intervenções nesse tipo de patrimônio trata do “fachadismo”, ou seja, a prática de preservação parcial que mantém apenas a fachada e a volumetria do edifício, geralmente respaldada pela legislação porém apontada por Michelin (2019) como uma forma de reduzir o valor histórico do patrimônio à sua aparência externa, ignorando o contexto original da construção (Michelon, 2019, p. 38).

A autora argumenta que a preservação deve contemplar o edifício em sua totalidade, levando em consideração não apenas a plasticidade externa, mas também as dimensões social e funcional, assim como a espacial. Para ela, “preservar a totalidade dos edifícios industriais significa respeitar não apenas a estética, mas também as experiências e memórias ali construídas” (Michelon, 2019, p. 40). Kuhl (2006) também critica essa abordagem, destacando que a verdadeira essência do patrimônio industrial reside nos seus interiores, materiais e processos produtivos originais. Ela alerta que, ao conservar apenas a fachada, perde-se a compreensão do uso original do edifício, comprometendo a memória coletiva e a percepção do sistema funcional e espacial que caracteriza a arquitetura industrial.

Kuhl (2006) aponta, também, que a preservação deve ser integrada nas políticas urbanas e culturais, de forma a garantir a relevância histórica, arquitetônica e social dessas estruturas. Segundo ela, preservar o patrimônio industrial não significa congelar o passado, mas sim encontrar maneiras de manter viva a memória industrial no contexto contemporâneo.

“Não se trata de conservar tudo, nem, tampouco, de demolir ou transformar radicalmente tudo. É inviável e mesmo indesejável conservar tudo indiscriminadamente, e é necessário fazer escolhas conscientes, baseadas em conhecimento aprofundado, para que os bens mais significativos possam ser preservados e valorizados. Apesar de a preservação ter pertinência relativa - por ser seletiva e ato de um dado presente histórico -, nem por isso é ato arbitrário, por dever estar ancorada nas ciências, em especial nas ciências humanas. (...) restaurar não é refazer imitando estilos do passado, visão oitocentista que infelizmente ainda marca a visão de muitos; projeto e criatividade fazem parte do restauro. A restauração implica, sempre, transformações, por mais restritas que sejam, e se deve ter consciência que mudanças não controladas levam a perdas irreparáveis. (...) Ou seja, alterações, remoções, inserções e uso da criatividade deveriam ser consequência de abordagem multidisciplinar fundamentada, e não premissas” (Kühl, 2006, p. 5).

A autora destaca que as revoluções tecnológicas e industriais ocorridas entre os séculos XVIII e XX deixaram marcas duradouras nas paisagens urbanas. Essas preexistências industriais são o resultado não só de investimentos materiais e econômicos, mas também de um legado de conhecimento tecnológico e construtivo, desempenhando um papel significativo na memória coletiva das comunidades locais, o que reforça a necessidade de sua máxima preservação e valorização no contexto atual.

O bairro, o edifício e a intervenção

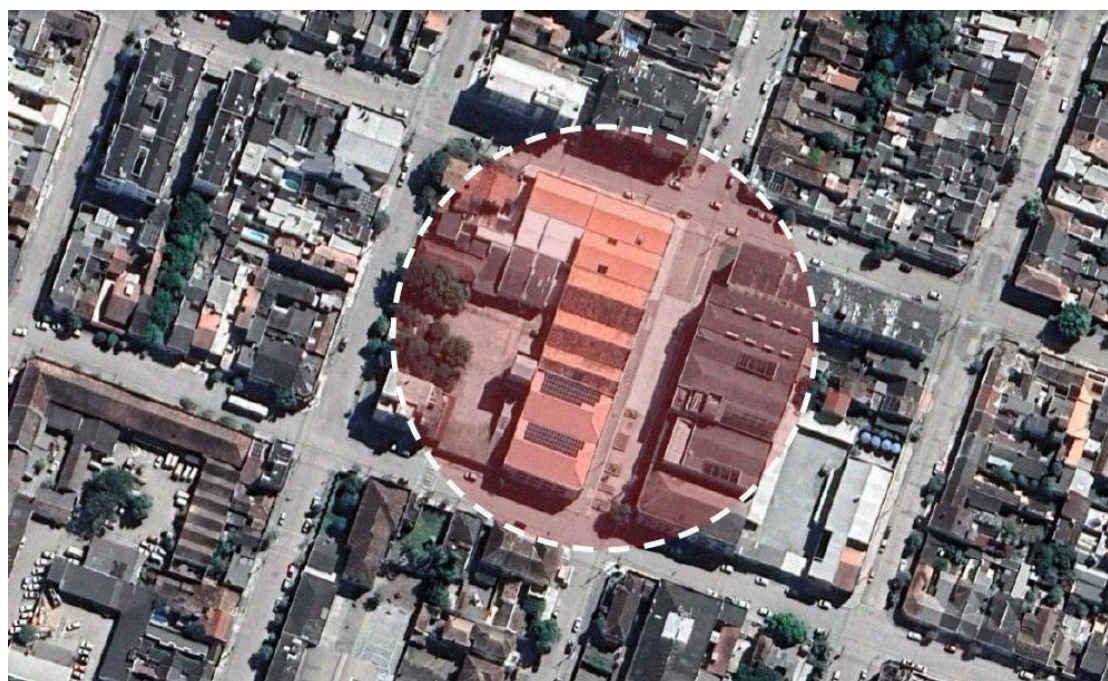
O bairro Porto, em Pelotas, destacou-se pela industrialização até meados do século XX. Contudo, a partir das décadas de 1950 e 1960, enfrentou um declínio que provocou fortes impactos no patrimônio arquitetônico que o compunha. A revitalização do bairro envolveu a reutilização de edifícios industriais desativados pela UFPel no âmbito do REUNI (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) e iniciativas como o projeto “A Inclusão da Ociosidade” (2006), ações do Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural e a criação das Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural (ZPPC), com destaque para a ZPPC 3 – Sítio do Porto. Diretrizes como a Lei nº 4568/2000 orientam a preservação das características originais das fachadas, limitam a altura das edificações e incentivam a reciclagem de prédios desativados (Pelotas, 2008).

A Cooperativa Sudeste dos Produtores de Lã foi fundada em Pelotas no dia 26 de julho de 1944 e desempenhou um papel significativo na economia local, especialmente até a década de 1960, declarando falência no ano de 1992. Com a crise do setor cooperativista, sobretudo no ramo têxtil, a cooperativa enfrentou uma série de dificuldades econômicas que contribuíram para o seu declínio. Entre os fatores responsáveis por agravar essa crise, destacam-se a falta de políticas públicas de incentivo, a concorrência com produtos sintéticos e os altos custos de produção e a queda no preço da lã no mercado (Costa, 2024).

Construído em 1947, o prédio que compõe parte do complexo pertencente à COSULÃ, localizado na rua Coronel Alberto Rosa, entre as ruas Benjamin Constant e Almirante Tamandaré, abrigava a matriz da fábrica, que era responsável pela produção e comércio de lã bruta e lavada, fios de tricô, malhas, couros e peles. Após os anos de abandono que sucederam a falência da cooperativa, o edifício foi adquirido pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) como parte do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI).

Em 2014, tiveram início as obras de revitalização para a instalação do Centro de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais e a Biblioteca das Ciências Sociais da UFPEL. O edifício está situado em uma área de alta legibilidade visual, conforme definido por Lynch (1960), como conceito que se refere à facilidade de reconhecer e organizar as partes de um espaço em um padrão coerente. Nesse contexto, a presença de diversos outros edifícios remanescentes do período industrial atua como referência visual, contribuindo para a identidade da paisagem e reforçando a conexão da edificação com seu entorno.

O edifício ocupa grande parte da quadra e está inserido em um entorno imediato predominantemente residencial. Originalmente, todas as suas faces eram delimitadas por vias para veículos, possibilitando o tráfego contínuo ao redor da edificação. Como parte do processo de requalificação do imóvel e de seu entorno foi criado o «Largo do Bola», um espaço público ao longo da fachada principal, na rua Coronel Alberto Rosa. Esse novo arranjo restringe o acesso de automóveis e estabelece uma conexão espacial com o edifício localizado em frente, que também integrava o antigo complexo



industrial e atualmente abriga o Instituto de Ciências Humanas da UFPEL (ICH-UFPEL) (fig. 1).

O edifício possui características arquitetônicas típicas das antigas fábricas, destacando-se por sua estrutura robusta, predominantemente composta de concreto e tijolos aparentes, materiais característicos das construções fabris do início e meados do século XX. Sua volumetria é definida por linhas retas e uma disposição horizontal marcante. As amplas aberturas, originalmente com caixilhos metálicos, encontravam-se danificadas ou ausentes devido ao prolongado estado de abandono. Parte da construção contava com cobertura em sheds, um elemento característico da arquitetura industrial, projetado para otimizar a iluminação e a ventilação natural dos ambientes internos. No entanto, após anos de negligência, a estrutura sofreu danos significativos, culminando na perda total da cobertura e na descaracterização de grande parte de sua configuração espacial interna (fig. 2).

As fachadas apresentavam sinais evidentes de degradação, com manchas de umidade, infiltrações, perda de reboco e vegetação crescendo em algumas partes da estrutura. No nível térreo, grandes portões metálicos reforçavam a função original do edifício, voltada à movimentação de materiais e equipamentos de grande porte. Além disso, a edificação foi gradualmente apropriada pelo meio urbano, exibindo pichações, cartazes e grafites em suas superfícies externas, evidenciando seu processo de transformação e interação com o entorno.

Durante o período em que permaneceu desativado, o prédio recebeu anexos voltados a usos comerciais, como quadras esportivas e áreas de convivência associadas a essas atividades. No projeto de intervenção, essas estruturas foram removidas (fig. 03) para dar lugar a novos elementos externos, destinados a abrigar a casa de máquinas, reservatórios e uma circulação vertical em estrutura metálica. Essa nova implantação foi posicionada junto à fachada dos fundos do edifício, orientada para o centro do lote, que teve suas aberturas ajustadas para atender às novas demandas de uso, diferenciando-se do padrão original preservado nas fachadas orientadas para o espaço público. Nessas últimas, as esquadrias, embora mantidas nos locais originais, foram substituídas devido ao avançado estado de degradação das peças anteriores.



Figura 2 - Fachada da rua Alberto Rosa durante o período de abandono da edificação. Fonte: Reitoria UFPEL, 2014.

Com base no material gráfico e descritivo do projeto arquitetônico, disponibilizado pela Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento (PROPLAN) da Universidade Federal de Pelotas, observa-se que a intervenção teve como premissa a preservação da identidade original da edificação, ao mesmo tempo em que adaptava seus espaços para novos usos. Para isso, a estrutura existente foi restaurada, e no vazio interior foi inserida uma nova estrutura metálica independente das paredes externas, destinada a sustentar a cobertura e os pisos intermediários necessários para as novas dependências.

Na recuperação das fachadas remanescentes, foram realizadas a limpeza, restauração e aplicação de massa corrida, selador e pintura. As paredes externas de alvenaria em tijolos maciços aparentes receberam tratamento para preservação e proteção. No interior, o reboco foi removido cuidadosamente para evitar danos aos tijolos, que foram raspados, lixados para eliminação de resíduos de argamassa e selados com verniz incolor, destacando sua textura original.

A nova cobertura, projetada em conformidade com a legislação municipal, respeita a volumetria original do edifício e está apoiada em estrutura metálica independente que reforça a identidade da intervenção, utilizando telhas cerâmicas do tipo francesa em referência às originais pertencentes edifício. (fig. 4)

Os ambientes internos são organizados a partir da estrutura metálica que sustenta a cobertura do edifício, enquanto as divisórias em gesso acartonado definem a setorização dos espaços. Os elementos de circulação e a estrutura metálica da cobertura recebem o mesmo tratamento plástico, com pintura na cor preta, criando um contraste marcante entre a leveza dessas estruturas e a solidez das fachadas de tijolos maciços à vista. No centro do espaço de acesso, a escada se destaca como elemento protagonista, estabelecendo uma conexão visual entre os diferentes níveis do ambiente. Os principais acabamentos utilizados no interior do edifício incluem forro de PVC branco, pisos de concreto polido e divisórias envidraçadas, conferindo integração visual entre os espaços de estar e circulação.

Figura 4 - Fase de obras: Relação entre as fachadas existentes e estrutura da cobertura atual. Fonte: Reitoria UFPEL, 2014. Figura 3 - Esquema em planta das áreas de modulação e preservação da edificação. Áreas demolidas (vermelho); Volumetria original mantida (azul); Volumetria original mantida - fachadas em desenho de lanternin (amarelo). Fonte: Autora, 2025.

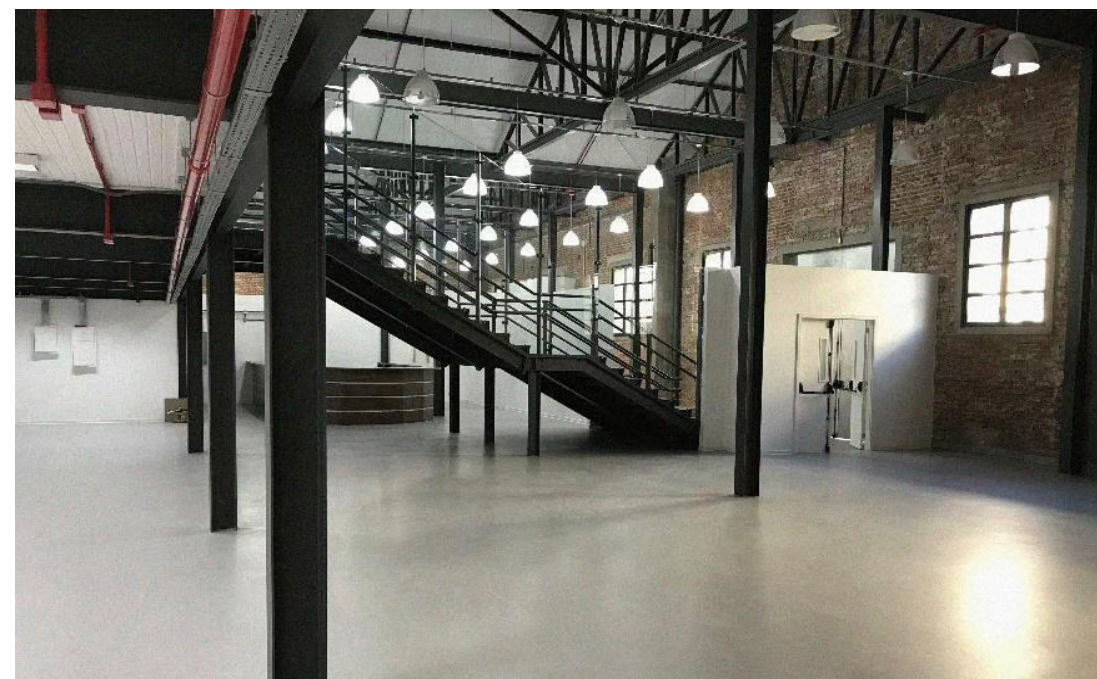
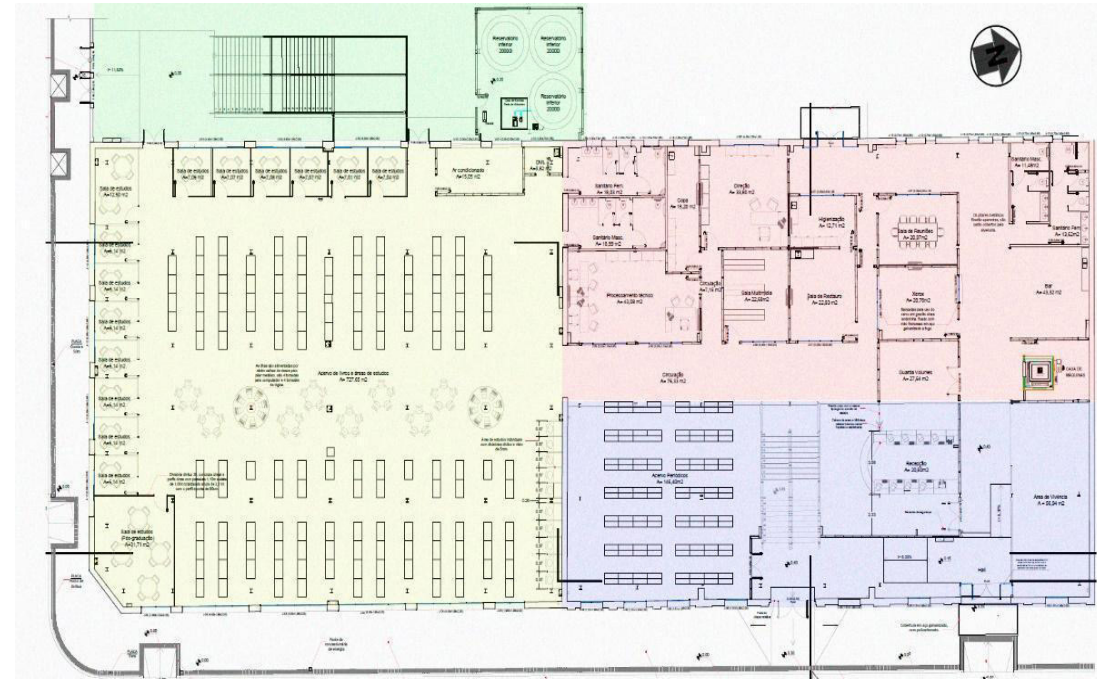


Pode-se destacar, também, que os desenhos dos gradis que compõem o guarda-corpo da circulação principal, que conduz ao segundo pavimento, tem como referência os casarões históricos localizados no entorno da Praça Coronel Pedro Osório, em Pelotas, incorporando elementos característicos do patrimônio arquitetônico da cidade (fig. 7).

Diferentes métodos de intervenção em patrimônio

Autores como Sòla-Morales (2008), Riegl (1903) e Gracia (1992) apontam para a observação de duas principais abordagens de intervenção em patrimônio arquitetônico: atuação por contraste e por analogia. Nesse caminho, Pozzobom (2020), com base nas ideias de Gracia (1992), denomina a chamada “terceira via” como um conceito que apresenta o desdobramento contemporâneo da atuação por analogia.

O conceito de contraste na arquitetura surge como um princípio estético e filosófico que impactou profundamente as intervenções em edifícios históricos, especialmente durante a consolidação da arquitetura moderna. No final do século XIX, as marcas do tempo, como texturas desgastadas e pátinas, eram valorizadas por evocar história e autenticidade. Esse respeito pelo passado influenciou intervenções arquitetônicas posteriores, nas quais o contraste entre as características das construções antigas e



as formas modernas passou a estabelecer um diálogo simbólico entre o passado e o presente.

Segundo Sòla-Morales (2008), o modernismo trouxe uma abordagem que enfatizava a dicotomia clara entre o velho e o novo. As construções modernas se destacavam pela geometria pura e pela precisão de suas formas, que intencionalmente contrastavam com as características das edificações históricas. O contraste, enquanto princípio estético, tornou-se então um objeto central nas intervenções urbanas e arquitetônicas em edifícios históricos durante esse período.

O resgate da teoria do restauro aponta para autores como Camillo Boito, um dos primeiros a defender a distinção clara entre o antigo e o novo, estabelecendo bases para a Carta de Restauro de Atenas (1931). A carta propunha que as intervenções fossem diferenciadas por materialidade, forma ou ausência de ornamentos, refletindo uma sensibilidade histórica em evolução. Segundo Sòla-Morales (2008, p. 257), tanto a Carta de Atenas de 1931 quanto a Carta do CIAM de 1933 compartilharam bases semelhantes, mas divergiam quanto à intensidade do contraste e suas ambições culturais e políticas.

Figura 5 - Esquema de zoneamento do projeto de intervenção: casa de máquinas, reservatório e circulação vertical externa (verde); Biblioteca e acervo (amarelo); ambientes de apoio (vermelho); acervo/recepção e área de convivência (azul). Fonte: Autora, 2025. Figura 6 - Interior da edificação: espaço destinado ao acesso e acervo. Fonte: Reitoria UFPEL, 2014.

Figura 7 - Interior da edificação após intervenção: destaque para detalhes do peitoril metálico. Fonte: Reitoria UFPEL, 2017.



Durante o século XX, teóricos como Alois Riegl abordaram o contraste entre o antigo e o moderno, assim como entre a história e a atualidade, como um elemento definidor na arquitetura. Para Riegl (1903), o “valor de antiguidade” é percebido de forma imediata ao se entrar em contato com uma obra que manifesta claramente um caráter não moderno. Esse valor deriva justamente do contraste entre o que é antigo e o que não é, que salta aos olhos e pode ser reconhecido tanto por especialistas quanto pelo público em geral. Segundo o autor, o aspecto estético desse valor está intrinsecamente ligado aos sinais de envelhecimento, que refletem a ação do tempo e da natureza, provocando no observador a sensação da passagem do tempo e do ciclo inevitável de criação e destruição.

Nos projetos de Mies van der Rohe para a Friedrichstrasse (1921), em Berlim, e de Le Corbusier para a área central de Paris (1925) – intitulado Plan Voisin –, observa-se como os arquitetos modernos utilizaram o contraste na relação entre a nova arquitetura e a antiga. Solà-Morales destaca que esses projetos exploraram diferenças de textura, geometria e materialidade ao interagir com o tecido urbano preexistente. Le Corbusier, por exemplo, menciona os “contrastes de textura, geometria e material como uma forma de produzir um efeito que realça tanto as novas dimensões modernas quanto os “melhores tesouros históricos” das cidades.

“As novas dimensões modernas e o realce dos melhores tesouros históricos produzem um efeito encantador.”

(Le Corbusier apud Solà-Morales, 2008, p. 255)

Ainda segundo Solà-Morales (2008), o contraste não se constitui apenas de um efeito visual, mas de uma maneira de definir a relação dialética entre diferentes épocas e linguagens arquitetônicas. O velho e o novo, nesse contexto, não apenas coexistiam, mas se definiam mutuamente por meio de sua clara oposição.

A partir dos anos 60, a crítica ao modernismo trouxe a necessidade de uma nova sensibilidade à atuação por analogia. Solà-Morales destaca então que, embora o contraste continue sendo um elemento relevante em algumas obras recentes, ele tem sido complementado por abordagens mais sutis, que exploram a analogia como uma forma de estabelecer conexões menos evidentes entre o antigo e o novo.

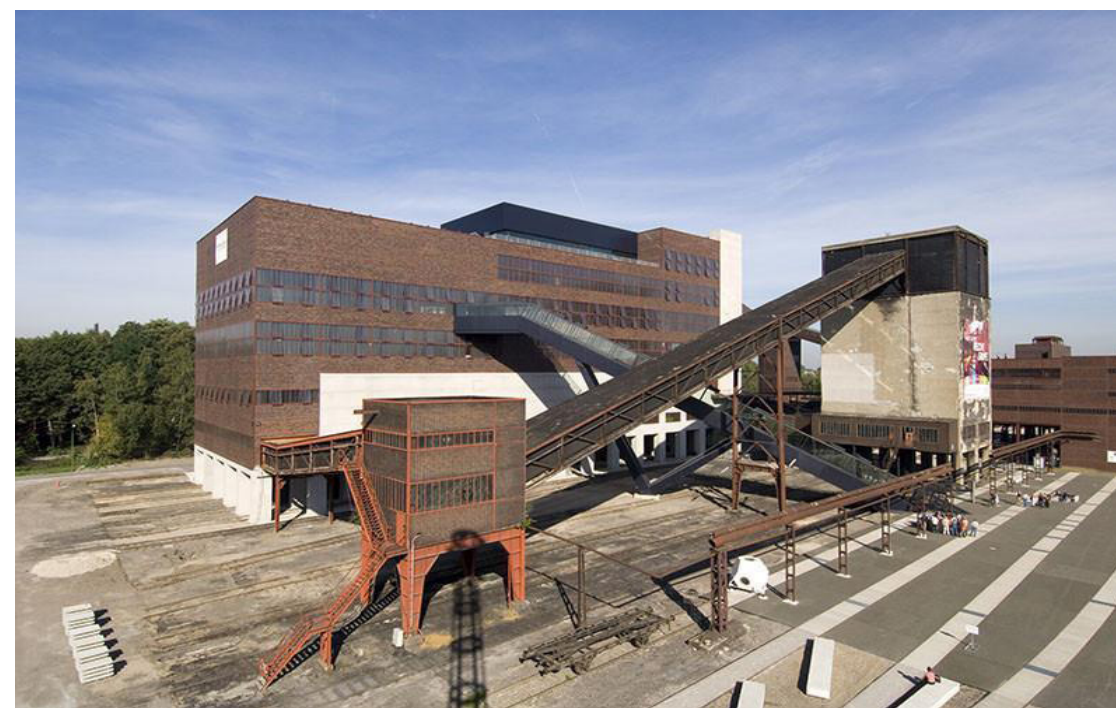


Figura 8 - Complexo Zollverein por Rem Koolhaas, Norman Foster e SANAA. Fonte: Archdaily, 2014. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/625857/uma-jornada-fotografica-por-zollverein-a-transformacao-de-uma-paisagem-pos-industrial?ad_medium=gallery>. Acesso em: 28 fev. 2025.

Essa transição reflete uma tentativa de responder aos desafios e complexidades da arquitetura contemporânea.

A abordagem analógica destaca-se como uma prática que reflete a sensibilidade contemporânea no diálogo entre o antigo e o novo. Segundo Solà-Morales (2008), essa abordagem transcende o contraste explícito ao propor relações mais complexas e sutis entre elementos de diferentes épocas, promovendo uma continuidade que se apoia em semelhanças formais, tipológicas ou simbólicas. Pozzobom (2020), ampliando as reflexões de Solà-Morales, denomina essa abordagem de “Terceira Via”, baseando-se em Gracia (1992). Ele enfatiza que a analogia não é apenas uma reprodução estilística que busca transformar o objeto em um documento histórico, e sim uma abordagem que busca integrar passado e presente de forma criativa.

Solà-Morales (2008) defende que a analogia não implica imitação do passado, mas uma reinterpretação significativa da história arquitetônica, manipulando semelhanças e diferenças para estabelecer conexões profundas. Exemplos marcantes dessa abordagem incluem o projeto de Carlo Scarpa no Castelvecchio (1956–1964), em que fragmentos históricos são reinterpretados em uma narrativa arquitetônica inovadora, onde intervenções contemporâneas coexistem com fragmentos históricos, evidenciando a capacidade do projeto de explorar tanto a continuidade quanto a diferença para criar um diálogo dinâmico entre o antigo e o novo.

A visão de Solà-Morales (2008) enaltece o ato projetual como instrumento de transformação, uma postura que supera a simples conformidade a normas patrimoniais rígidas. Pozzobom (2020) complementa ao mostrar como a Terceira Via se posiciona como uma filosofia projetual, em vez de uma mera técnica, que entende o patrimônio arquitetônico como algo vivo e integrado a novas narrativas. Pozzobom destaca que a Terceira Via também pode ser reconhecida por termos como “abordagem conceitual” ou “conservação crítica”, evidenciando uma mudança de paradigma que aproxima as culturas da conservação e do design, permitindo que o patrimônio seja reinterpretado sem perder sua essência histórica.



Diante disso, o presente artigo, a fim de melhor exemplificar a abordagem por Terceira Via apresentada por Pozzobom (2020) e estabelecer uma conexão entre as diferentes abordagens de intervenção em patrimônio e a especificidade da tipologia industrial, traz como exemplo o projeto de intervenção realizado no Complexo Zollverein (2006) pelos arquitetos Rem Koolhaas, Norman Foster e SANAA. O projeto se destaca pela adição de elementos que trazem à tona uma das principais características dessa abordagem projetual apontada por Solà-Morales (2008): a capacidade da intervenção de estabelecer uma analogia com a pré-existência - uma vez que o volume das escadas rolantes dialoga com as rampas pertencentes ao projeto original da antiga fábrica, criando uma conexão visual e funcional que integra o antigo e novo, propondo uma aproximação dialética com o passado, onde memória e inovação coexistem de modo a oferecer uma postura crítica que se distancia da preservação histórica tradicional, porém sem apagar o valor da pré-existência.

Aproximações entre os métodos de intervenção e o objeto de estudo

A abordagem da Terceira Via apresentada por Pozzobom (2020) oferece um referencial teórico fundamental para compreender intervenções arquitetônicas em edificações industriais. Nesse contexto, a intervenção contemporânea deve respeitar a memória do edifício preexistente, sem recorrer à mera reprodução estilística ou à ruptura formal completa.

O projeto analisado se alinha a essa abordagem ao equilibrar preservação e inovação. Destacam-se as analogias com a pré-existência, permitindo a continuidade da história sem imitação direta. A manutenção das fachadas como testemunho da volumetria primitiva e a inserção de uma nova cobertura em estrutura metálica aparente, reproduzindo o perfil da antiga, demonstram o compromisso com a identidade histórica.

Entretanto, a intervenção pode ser questionada sob a ótica do “fachadismo”, uma vez que a preservação parcial é criticada por reduzir o valor histórico do patrimônio à sua aparência externa, desconsiderando seu contexto original (Michelon, 2019, p. 38). Neste caso específico, essa abordagem acontece devido ao estado precário do edifício, que perdeu grande parte de seus elementos originais, restando praticamente apenas as fachadas passíveis de preservação integral (fig. 9).



Figura 10 - Situação atual da via em frente ao edifício, na rua Coronel Alberto Rosa: Largo do Bola. Fonte: Autora, 2024.

A intervenção buscou equilibrar preservação e adaptação ao novo uso universitário, garantindo a reversibilidade das modificações por meio do uso de estrutura metálica nos elementos de circulação vertical, na cobertura e nas divisórias de gesso acartonado. O tratamento das fachadas, com limpeza, restauração do reboco e preservação dos tijolos maciços, segue o conceito de estratificação temporal da “Terceira Via”, permitindo a coexistência de diferentes camadas históricas.

A inserção de elementos contemporâneos mantém a coerência espacial do conjunto. Como apontado por Solà-Morales (2006), a intervenção deve estabelecer relações significativas com o preexistente, sem reduzir-se à dicotomia entre antigo e novo. Essa abordagem também dialoga com Lynch (1960), que destaca a continuidade espacial e a memória urbana como fundamentais para a apropriação dos espaços. Nesse sentido, o desenho dos gradis dos guarda-corpos metálicos, inspirado na arquitetura histórica de Pelotas, reforça a conexão entre a intervenção e a identidade do lugar. A criação de um largo exclusivo para pedestres em frente à edificação alinha-se à abordagem de Solà-Morales sobre a continuidade urbana e a permanência do *espírito do lugar*. Choay (2001) reforça essa perspectiva ao defender estratégias que respeitem a evolução natural dos espaços construídos.

Ainda no que diz respeito ao diálogo entre o novo edifício e o espaço público, a intervenção pode ser apontada como uma tentativa de fortalecer a legibilidade urbana do local. Bentley et al. (1999) afirmam que um ambiente legível é aquele que pode ser lido, ou seja, compreendido pelas pessoas, facilitando a navegação e aumentando a sensação de segurança. No bairro portuário, mesmo em ruínas, os edifícios industriais garantem diferenciação visual e identidade. Nesse contexto, a implantação do novo edifício busca preservar essa característica, priorizando acessos visíveis e conexões fluidas com os percursos urbanos existentes.

Portanto, observa-se que a intervenção no edifício analisado equilibra preservação e inovação, respeitando a materialidade original e criando novas camadas de significado. O projeto traduz os conceitos de analogia, continuidade e transformação, valorizando a estratificação temporal, a autenticidade das marcas do tempo e o fortalecimento da relação com o contexto urbano.

Diante deste cenário, observa-se que a atuação em preexistências arquitetônicas e urbanas envolve um processo interpretativo, sem fórmulas fixas ou soluções padronizadas. Como apontado por Solà-Morales (2006), cada intervenção exige a leitura cuidadosa das camadas históricas e das dinâmicas espaciais existentes, reconhecendo que a cidade e seus edifícios são organismos em constante transformação.

Ao longo dos últimos dois séculos, a construção de um arcabouço teórico tem orientado arquitetos e urbanistas nesse desafio, fornecendo princípios que, embora não determinem respostas únicas, servem como referência para abordagens mais sensíveis e contextualizadas. Revisitar essas reflexões torna-se essencial para atualizar e ampliar as estratégias de intervenção, promovendo soluções alinhadas aos desafios da cidade contemporânea, mais inclusiva, democrática e atenta à memória urbana.

Referências

- BENTLEY, I.; ALCOCK, P.; MCGLYNN, S.; SMITH, G.; MURRAIN, A. *Entornos vitales: hacia un diseño urbano y arquitectónico más humano*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA, 1999.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: UNESP, 2017.
- COSTA, L. *Porto de Pelotas: a história do desenvolvimento industrial da região e o que restou dela*. A voz do Porto, 2024. Acesso em: 25 set. 2024. Online. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/avozdoporto/2024/02/10/porto-de-pelotas-a-historia-do-desenvolvimento-industrial-da-regiao-e-o-que-restou-dela/>.
- CRUZ, Natália de Freitas. Relação antigo-novo na morfologia urbana – contraste e analogia na Praça Mauá do Rio de Janeiro. *Revista Ponto: Arquitetura e Urbanismo, Pelotas*, v. 3, n. 2, p. 144–174, abr./jun. 2023.
- GRACIA, Francisco de. *Construir en lo construido: la arquitectura como modificación*. [S. l.]: Editorial NEREA, 1992.
- GUTIERREZ, E. J. B.; OLIVEIRA, A. L. C.; MACIEL, A. *A inclusão da ociosidade: uma metodologia para inventariar imóveis urbanos ociosos: o caso de Pelotas (RS)*. Relatório final de pesquisa. CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico. Pelotas, 2006.
- ICOMOS. *The Dublin Principles: Document on historic urban landscapes*. Paris: ICOMOS, 2011.
- KÜHL, Beatriz Mugayar. *História e ética na conservação e na restauração de monumentos históricos*. *Revista CPC*, n. 1, p. 16-40, 1 abr. 2006.
- KÜHL, Beatriz Mugayar. *Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: problemas teóricos de restauro*. Cotia: Ateliê/Fapesp, 2009.
- LAMAS, José. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- LE CORBUSIER. *A carta de Atenas*. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- MICHELON, Francisca Ferreira (org.). *O patrimônio industrial da Universidade Federal de Pelotas*. Pelotas: Ed. UFPel, 2019. p. 85-125.
- PANERAI, Philippe. *Análise urbana*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.
- PELOTAS. *III Plano Diretor de Pelotas*. Pelotas: Prefeitura Municipal de Pelotas, 2008.
- POZZOBOM, Gustavo. *Navegar o tempo: intervenções de Enric Miralles sobre preexistências*. 2020. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.
- RIBEIRO, E. B. *Resenha: Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: problemas teóricos de restauro*, Kühl, Beatriz Mugayar. 2. ed. Cotia: Ateliê, 2018. 328p. *Revista CPC*, [s. l.], v. 15, n. 29, p. 208–218, 2020.
- RIEGL, Alois. *O culto moderno dos monumentos: seu caráter e sua origem*. Tradução de Pedro Mendes da Rocha. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.
- SOLÀ-MORALES, Ignasi. *Intervenciones*. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.
- SOLÀ-MORALES, Ignasi. *Do contraste à analogia: novos desdobramentos do conceito de intervenção arquitetônica*. In: NESBITT, Kate (org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995*. p. 131-137. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- TICCIH. *The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage*. Carta de Nizhny Tagil sobre o Patrimônio Industrial. Julho 2003.
- UNESCO. Carta de Atenas: Carta Internacional sobre a Conservação e a Restauração dos Monumentos e Sítios. Atenas: [s. n.], 1931.
- ZEIN, Ruth Verde. A rosa por outro nome tão doce... seria? In: DOCOMOMO BRASIL, 7., 2007, Porto Alegre. *Anais do 7º Seminário Docomomo Brasil*. Porto Alegre: DOCOMOMO Brasil, 2007.
- ZERBETTO, Andrea. *Inflação patrimonial: o complexo de Noé da contemporaneidade e as ilusões de eternidade*. In: *Arquitextos*, n. 087.03. São Paulo: Vitruvius, 2007. Acesso em: 18 out. 2024. Online. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/218>